



RELAÇÕES INTERÉTNICAS, CLASSE E GÊNERO: A CONSTRUÇÃO SÓCIO-CULTURAL DA IDENTIDADE (PORTO ALEGRE, 1890-1930)

Carlos Eduardo Millen Grosso ¹

Os estudos das relações interétnicas nas camadas menos privilegiadas economicamente, entre os anos finais do Império e as primeiras décadas da República, mereceram pouca atenção dos historiadores. Embora exista uma farta produção historiográfica voltada para assuntos relacionados aos grupos de populares², é reduzido o número de trabalhos que tratam de forma mais específica a questão étnica, sobretudo no que tange ao período estudado, e em especial, sobre o Rio Grande do Sul.³

A opção por trabalhar com os anos de 1890-1930 deve-se ao fato de ser este um período de instabilidade e reordenação no campo social, político e econômico no Rio Grande do Sul, e também época de “embate cultural” no país, de conflitos em torno de valores diferentes, entre moralidade popular e a ordem e legalidade que a República tentava impor. Desse modo, expressões identitárias (étnica, classe) eram elaboradas em conseqüências de conflitos e exclusões inerentes ao viver na cidade para certos grupos da população.

É nesse sentido que uma história que se propõe em colocar a problemática étnica no centro da pesquisa deve proceder sempre por meio da ampliação do campo de análise, fazendo aí entrar o que normalmente se exclui dos estudos: os faccionalismos, as redes sociais, a classe, o gênero não para desvendar supostas relações entre subsistemas relativamente autônomos; tampouco para revelar que atrás de tudo isso estariam ocultas relações étnicas que ao mesmo tempo motivariam os seres humanos e seriam a explicação de tudo o que eles fazem. A tarefa é menos reducionista: trata-se de devolver a questão étnica àquilo que Paul Veyne denomina “quotidianidade”. Ou seja, inserir a dimensão étnica na vida e evitar consubstancialidade de uma entidade social e de uma cultura pela qual se define habitualmente o grupo étnico.⁴

¹ Doutorando em História pela UFSC. Bolsista CNPq.

² CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da “belle époque”*. São Paulo: Brasiliense, 1986; PINTO, Maria Inez Machado Borges. *Cotidiano e sobrevivência: a vida do trabalhador pobre na cidade de São Paulo (1890-1914)*. São Paulo: EDUSP, 1994.

³ Um dos poucos trabalhos que tratam sobre estas relações interétnicas no período estudado no Rio Grande do Sul é CARVALHO, Daniela Vallandro de. *Entre a solidariedade e a animosidade: os conflitos e as relações interétnicas populares (Santa Maria – 1885 a 1915)*. 2005. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.

⁴ POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade; seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: UNESP, 1995, p.17.



É perceber as segmentações que cortam todo corpo social não obedecem necessariamente a uma forma arborescente, mas podem perfeitamente se desenvolver em “rizoma”⁵. Por exemplo, ninguém está preso ao grupo étnico a que pertence como a uma espécie de destino, e que é sempre possível a um indivíduo ou grupo traçar uma transversal que o conecte a outras partes da grande formação rizomática. Desse ponto de vista, as identidades étnicas são constituídas de maneira contextual, relacional, situacional.⁶ Por sua vez, essas segmentações trabalham, alterando ou modificando, os referentes dos pertencimentos originais (étnicos, faccionais, classe, gênero etc.). Essa transformação atinge os códigos de conduta, as regras da vida social, que orientam a existência de cada um no mundo. Toda identidade, tanto individual quanto coletiva, é inacabada.

A presença de estrangeiros que freqüentaram o sistema penal na condição de réus e de ofendidos não pode ser ignorado, sobretudo num período de forte imigração no país.⁷ Essa informação torna-se significativa se pensar que normalmente estes estrangeiros (em geral imigrantes europeus) tendiam a serem vistos e representados como ordeiros e trabalhadores pelo governo e pelas elites. Muitos vieram do continente europeu para povoar e colonizar regiões hostis no sul do Brasil. Outros tantos desembarcaram de forma espontânea nos centros urbanos e, muitas vezes, individualmente com vistas a trabalharem no comércio e pequenas indústrias. De posse de uma técnica manual de trabalho mais elaborada, tornava-se viável passar da condição de trabalhador especializado a proprietário de pequena oficina e mesmo a industrial, ou fixar-se nas oportunidades industriais oferecidas pelas cidades.⁸

Enfim, de forma geral e teórica, independente da nacionalidade dos estrangeiros, ser imigrante representava, em termos simbólicos, positividade.⁹ É importante ressaltar que, respaldado por uma ideologia que pregava a manutenção das instituições sociais, através da ordem e do progresso, o governo positivista, especialmente no período de Borges de Medeiros, tratou de

⁵ Conforme DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*; capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 2007, a lógica binária domina o modelo arborescente cujas ramificações só são capazes de ligar-se a outras pontas de forma fixa. A lógica rizomática obedece a um modelo não-binário, em que as ligações podem-se dar em todas as direções obedecendo aos princípios de conexão e heterogeneidade (...).

⁶ Ver, por exemplo, AGIER, Michel; CARVALHO, Maria Rosario G. de. *Nation, race, culture, mouvements noirs et indiens au Brésil*. Cahiers des Ameriques Latines, Paris, nº17, p.107-124, 1994.

⁷ FAUSTO, Boris. *Crime e cotidiano: a criminalidade em São Paulo (1880-1924)*. São Paulo: EDUSP, 2004.

⁸ SEYFERTH, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: UnB, 1990, p.59-70.

⁹ No imaginário das elites brasileiras do século XIX (grandes proprietários rurais e camadas médias de profissionais liberais) o negro e o branco pobre não apresentavam condições subjetivas para o trabalho, por isso via-se no imigrante europeu a oportunidade de se implementar o "amor ao trabalho". Ver, por exemplo, AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites – século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.



construir um discurso de valorização do imigrante italiano como trabalhador, ordeiro e respeitoso, servindo de exemplo à sociedade gaúcha.¹⁰

Por mais que possa haver uma relação discriminatória entre criminalidade e população estrangeira, não é possível verificar nos trabalhos circunscrito a cidade de Porto Alegre e Santa Maria a referência à nacionalidade acompanhada de signos discriminatórios (letras maiúsculas, sublinhado, expressões depreciativas), por parte dos operadores do sistema penal.¹¹ O mesmo não pode ser dito dos populares envolvidos nas contendas; conflitos aparentemente banais eram muitas vezes revestidos de manifestações de cunho étnico.

A natureza dos insultos fornece pistas sobre os interesses simbólicos na contenda. Em vez do simples “filho da puta”, comum nas brigas entre brancos do mesmo grupo social, os insultos interétnicos são acompanhados de expressões que remetem a um quadro onde existe um sistema de classificação social largamente e fortemente expresso na linguagem cotidiana da maioria da população. Um sistema classificatório que gera escalas de valor e formas de exclusão social, no qual termos como preto, negro, amorenado, branquelo, mas também índio, italiano, carcamano são reveladoras de formas locais e nacionais de hierarquização. Nessas, estão implícitas visões do mundo nas quais a cor da pele, a nacionalidade, tornam-se um critério de discriminação dos indivíduos e, em consequência, tais visões de mundo estão na base de diferentes formas, às vezes conflituosas, de oposição ou de afrontamento.¹² O que explica que alguns traços evocados pelos réus e ofendidos de origem étnica diferente se insinuem mais que outros nas situações sociais verificadas nos processos criminais.

O caso Fernando Gargano: conflito interétnico, classe...

A cidade de Porto Alegre intensificou o processo de urbanização nos anos 1890, iniciando uma nova fase do fenômeno urbano como, por exemplo, a abolição da escravidão, a instalação da ordem republicana, o crescimento dos grupos médios urbanos e a imigração maciça que

¹⁰ CONSTANTINO, Núncia Santoro de. *Italiani a Porto Alegre: l'invenzione di una identità*. Altreitalie. Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, p.83, lug/dic., 2002. Disponível em: [HTTP://www.altreitalie.it/UPLOAD/ALL/84108.pdf](http://www.altreitalie.it/UPLOAD/ALL/84108.pdf). Acesso em 29/03/2010.

¹¹ GROSSO, Carlos Eduardo Millen. *Poderiam viver juntos? Identidade e visão de mundo em grupos populares na Porto Alegre da virada do século XIX (1890-1909)*. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre; CARVALHO, Op. Cit..

¹² MONSMA, Karl. Conflito simbólico e violência interétnica: europeus e negros no oeste paulista, 1888-1914. Trabalho apresentado na mesa redonda “Relações interétnicas e reconfiguração das identidades no Brasil República”, VIII Encontro Estadual de História, Pelotas, RS, julho de 2004.



acarretaram, em curto prazo, uma nova dinâmica social.¹³ A cidade concentrava capital comercial, desenvolvia mercado consumidor e mercado de trabalho livre, sediando o maior número de fábricas do estado e a maior diversidade industrial.

No final do século XIX, a produção industrial de Porto Alegre esteve, principalmente, ligada ao mercado regional e foi financiada por pequenos capitais acumulados através do comércio por imigrantes na maioria das vezes. Em consequência da expansão industrial, muitos imigrantes aportavam na capital sulina, atraídos pelas oportunidades de trabalho. Contudo, os estrangeiros que se fixaram na cidade não puderam ser aproveitados pelo setor industrial, de modo que buscaram no pequeno comércio e no setor de serviços os meios para sobrevivência.

O relativo incremento às atividades econômicas citadina não gerou mecanismos suficientes para a absorção do contingente populacional estrangeiro e nativo, criando um grupo pobre urbano que oscilava entre o emprego temporário, o desemprego, ou ainda formas diversas de sobrevivência ligadas à ilegalidade. Portanto, existem condições favoráveis para o desenvolvimento de interações sociais geradoras de conflitos e disputas entre pessoas das mais diversas origens étnicas.¹⁴ Este pluralismo étnico remete à coexistência de tradições culturais diversas no mesmo espaço urbano.

O caso seguinte trata de uma discussão seguida de agressão física, na qual o proprietário de uma companhia de teatro acusa o seu bilheteiro de tê-lo roubado. Manoel apresentou queixa contra Fernando Gargano (33 anos, solteiro, artista de teatro, natural da Cosenza, Itália), que proferira injúrias a esse. Fernando disse: "você é um ladrão que anda combinado com senhor Roberti (...), vocês são todos uns ordinarios e ladrões". A seguir o queixoso responde: "Senhor engana-se si pensa que isto é uma Calabria". Em seguida, o querelado tentou dar uma bofetada em Manoel.¹⁵

A queixa crime apenas apontava que Fernando havia acusado o bilheteiro Manoel de roubo de ingresso para o teatro. Enquanto as informações testemunhais permitem traçar com mais apuro o cenário e os personagens desta intriga. Segue abaixo alguns trechos testemunhais:

- Testemunha de defesa: Paulino Izidoro Gonçalves, 18 anos, empregado público, solteiro, brasileiro, natural deste estado.

Disse que na noite de vinte de janeiro a meia noite mais ou menos estando elle testemunha no pateo do Theatro America ouviu uma discussão na bilheteria do mesmo Theatro e aproximando-se ouviu o querellado que chamava ao queixoso ladrão accressentando que elle queixoso anda combinado com Luis Roberti (...). Ouviu o queixoso em represalia dizer ao querellado que enganava-se julgando tratar com gente da Calabria ao que o

¹³ PESAVENTO, Sandra J; SCHPUN, Mônica Roisa. São Paulo et Porto Alegre: une approche comparée de l'histoire urbaine. *Histoire et Sociétés de l'Amérique latine*, n.4, Paris, maio, 1996.

¹⁴ GROSSO, Op. Cit., p.67-78.

¹⁵ RS. Arquivo Público (APERS). *Processo criminal*, nº2892, Porto Alegre, maço 178, 1891.



mesmo querellado tentou dar uma bofetada no queixoso que elle testemunha não viu se acertou". Disse mais que as testemunhas foram retiradas do local, enquanto a disputa continuava lá dentro.

- Testemunha de defesa: Antonio Francisco Nunes, 23 anos, solteiro, empregado no comercio, português.

Disse que no dia 20 de janeiro encontrava-se no saguão de Theatro América com outros companheiros a espera do início do 3º ato. "(...) quando chegou Affonso Alves dos Santos e lhe disse que parecia que havia qualquer causa na bilheteria; (...) dirigirão-se (test. E dois companheiros, um deles Affonso) a duas ou tres pessoas que se achavão no pateo e perguntarão o que é que havia ao que lhe responderão que tinha havido qualquer causa entre o autor e o réo e que aquelle tinha sahido encomodado disenso que se havia de vingar por ter sido despedido; que demorarão mais algum tempo por ali elle testemunha e Barros entrando depois para dentro do Theatro e que nada mais vio.

Em suma, na noite do dia 20 de janeiro de 1891, por volta da meia noite, discutiam no Teatro América o proprietário do estabelecimento (italiano) e seu bilheteiro (nacional). O primeiro acusava seu oponente de tê-lo roubado com o auxílio de Luis Roberti.

Este caso traz à tona as tensões relacionadas ao mundo do trabalho, entre nacionais e imigrantes, sendo documentada pela historiografia brasileira.¹⁶ Acontece que mesmo assim não é possível compreender a dimensão étnica do episódio. Os diálogos transcritos nos autos parecem sinalizar para a existência, ainda que velada, de estereótipos, de lado a lado, carregados de etnocentrismo.

Os italianos de diferentes origens chegaram a número suficiente em Porto Alegre, para se concentrarem em certos bairros, criando as condições necessárias para a persistência de algumas identidades. A imigração no contexto urbano tem como característica marcante a aglutinação dos imigrantes de mesma origem, em torno de interesses comuns, estimulando, principalmente, a solidariedade étnica em termos de enfrentamento de uma nova situação social. Assim, por maiores que sejam as pressões no sentido da assimilação, os imigrantes, em geral, mantêm alguma ligação com a cultura e a sociedade de origem. Guardam, sem dúvida, alguma forma de identificação étnica, por mais precários que estejam os laços com seus países de origem.

Por outro lado, é bastante difícil pensar conceitualmente numa "cultura italiana", a não ser como um conjunto heterogêneo marcado por influências regionais bastante fortes. Os italianos, pela própria história de seu país, desenvolveram identidades regionais exacerbadas pela dicotomia entre norte e sul.¹⁷ Cada um, a sua maneira, contribuiu para renovar a construção dos limites étnicos,

¹⁶ FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social (1890-1920)*. São Paulo (1890-1920). São Paulo: DIFEL, 1977; CHALHOUB, Op. Cit.; PINTO, Op. Cit.

¹⁷ Apesar da precariedade da divisão dicotômica entre o sul e o norte, elas revelam de forma didática a heterogeneidade dos imigrantes italianos. Contudo, as diferenças regionais e dialetais não impediram certa homogeneidade cultural num



favorecendo a contínua reconstrução da diferença que fazia com que os meridionais continuassem a serem vistos e a se sentirem como um grupo à parte, no conjunto dos imigrantes italianos em solo brasileiro. Karl Monsma explica que no Brasil desenvolveu-se uma identidade calabresa, que contrastava com a dos brasileiros e também com a dos imigrantes do norte da Itália.¹⁸

O que dizer, então, da frase: – "Senhor engana-se si pensa que isto é uma Calabria". Certamente seu registro é o do individual, mas isso não significa que seu alcance não seja da história coletiva. A exemplo do que ocorria na Itália, os italianos do sul eram geralmente considerados cidadãos inferiores, considerando que a maioria dos italianos no Rio Grande do Sul eram originários do norte da Itália, principalmente do Vêneto, é bem possível que Manoel tenha assimilado parte da ideologia de superioridade dos italianos do norte, que visualizavam os meridionais de forma estereotipada.

Enfim, não é exagero falar de simetria entre as questões relacionadas ao mundo do trabalho e o problema da etnicidade. As categorias adscritivas nativas somente são acionadas quando existe a necessidade, durante a interação, de marcar a diferença, mas que não se duvide que essa relação direta, entre a etnicidade e a interação, guarde uma proporcionalidade. Ou seja, as categorias adscritivas não foram aleatoriamente escolhidas, mas, por certo, equacionadas pelo sujeito de forma a permitir naquele momento uma relação com o motivo inaugural.

Se a fala de Manoel é hábil em manejar as informações em seu próprio proveito, também carrega consigo uma síntese das variáveis causais do episódio, revelando um quadro sócio-econômico e cultural bastante complexo. Nesse "real" movediço, percebe-se um cruzamento de relações interétnicas com o mundo do trabalho, de forma a dificultar uma análise mais simples do ocorrido; vários são os fatores que concorrem para o desenlace do episódio; possíveis diferenças de significados entre noções de trabalho, de ofensas, de honra e dignidade das pessoas envolvidas completam esse emaranhado de dúvidas. Ou seja, o enfoque desloca-se da perspectiva genuinamente material, para a construção rizomática das implicações sociais, econômicas e culturais.

Bibliografia

plano mais geral. Ver, por exemplo, BRUM, Rosemary Fritsch. O lugar da enunciação calabresa em Porto Alegre. In: JUNGBLUT, Airton Luiz (Org.). *Nós, calabreses*. Porto Alegre: EST, 2006, p. 65-78.

¹⁸ MONSMA, Karl; TRUZZI, Oswaldo; CONCEIÇÃO, Silvano da. Solidariedade étnica, poder local e banditismo: uma quadrilha calabresa no Oeste Paulista, 1895-1898. *Revista Brasileira de Ciência Social*, vol.18, n.53, São Paulo, set., 2003, p.83.



AGIER, Michel; CARVALHO, Maria Rosario G. de. Nation, race, culture, mouvements noirs et indiens au Brésil. *Cahiers des Ameriques Latines*, Paris, n^a17, p.107-124, 1994.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites – século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade; seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth*. 2 ed. São Paulo: UNESP, 1998.

BRUM, Rosemary Fritsch. O lugar da enunciação calabresa em Porto Alegre. IN: JUNGBLUT, Airton Luiz (Org.). *Nós, calabreses*. Porto Alegre: EST, 2006.

CARVALHO, Daniela Vallandro de. *Entre a solidariedade e a animosidade: os conflitos e as relações interétnicas populares (Santa Maria – 1885 a 1915)*. 2005. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da "belle époque"*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Italiani a Porto Alegre: L'invenzione di una identità. *Altreitalie*. Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, p.83, lug/dic., 2002. Disponível em: <<http://www.altreitalie.it/UPLOAD/ALL/84108.pdf>>. Acesso em: 29/07/2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs; capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 2007.

FAUSTO, Boris. *Crime e cotidiano: a criminalidade em São Paulo (1880-1924)*. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 2004.

_____. *Trabalho urbano e conflito social (1890-1920)*. São Paulo (1890-1920). São Paulo: DIFEL, 1977.

GROSSO, Carlos Eduardo Millen. *Podiam viver juntos? Identidade e visão de mundo em grupos populares na Porto Alegre da virada do século XIX (1890-1909)*. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MAUCH, Claudia. *Ordem pública e moralidade: imprensa e policiamento urbano em Porto Alegre na década de 1890*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

MONSMA, Karl. Conflito simbólico e violência interétnica: europeus e negros no oeste paulista, 1888-1914. Trabalho apresentado na mesa redonda “Relações interétnicas e reconfiguração das identidades no Brasil Republicano”, *VII Encontro Estadual de História*, Pelotas, RS, julho de 2004.

MONSMA, Karl; TRUZZI, Oswaldo; CONCEIÇÃO, Silvano da. Solidariedade étnica, poder local e banditismo: uma quadrilha calabresa no Oeste Paulista, 1895-1898. *Revista Brasileira de Ciência Social*, vol.18, n.53, São Paulo, set., 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 14/05/2006.

PESAVENTO, Sandra J. ; SCHPUN, Mônica Roisa. São Paulo et Porto Alegre: une approche comparée de l'histoire urbaine. *Histoire et Sociétés de l'Amérique latine*, n^a4, Paris, maio, 1996.



PINTO, Maria Inez Machado Borges. *Cotidiano e sobrevivência: a vida do trabalhador pobre na cidade de São Paulo (1890-1914)*. São Paulo: EDUSP, 1994.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade; seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth*. 2 ed. São Paulo: UNESP, 1998.

SEYFERTH, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: UnB, 1990.

VEYNE, Paul. *Comment on Écrit l'Histoire*. Paris: Seuil, 1978.